



AVENIDA HENRIQUE DUMONT, 170			Nº de ARQUIVO		folha nº 01	
Endereço: Avenida Henrique Dumont, 170			Estado do Imóvel			
A.R.: VI	Bairro: Ipanema		Caracterização		Conservação	
Proprietário: ----			<input type="checkbox"/> caracterizado	<input type="checkbox"/> descaracterizado	<input type="checkbox"/> excelente	<input type="checkbox"/> regular
Uso	Original: residencial		<input type="checkbox"/> ruínas	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> ruim	
	Atual: residencial					
Data de construção: 1941						
Autor do Projeto: desconhecido						
Tipologia: casa de dois pavimentos			Pesquisa	Histórica: Sonia Zylberberg/Sergio Barra (estagiário)		Data:2003
				Arquitetura: Angélica Galetti		Data:2003
Proteção	Existente: tombado	Decreto: 23161/03	Texto	Histórico: Sonia Zylberberg/Sergio Barra (estagiário)		Data:2003
	Processo: não há	Data: 21.07.2003		Arquitetura: Angélica Galetti		Data:2003
	Proposta: ----		Fotos	Angélica Galetti		
	Processo: ----	Data: ----		Nºfilme/CD		Data: 2003
Conferido por: Selma Tavares					Atualizada em	

## SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA

A avenida Henrique Dumont possui um fluxo moderado de veículos. Está situada em zona comercial e residencial contando com arborização, onde as amendoeiras são encontradas em grande número. Um procedimento muito utilizado para impedir o estacionamento irregular é a construção de canteiros retangulares ajardinados ao longo das calçadas.

## DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

O imóvel é uma casa de dois (02) pavimentos implantado em lote de esquina com afastamentos que definem canteiros com vegetação de médio porte. Uma grade em ferro, composta de elementos verticais, com extremidades em ponteiros, está assente sobre um soco executado em pedras aparelhadas e delimita a construção do logradouro.



A casa está implantada na confluência da rua Barão da Torre e da avenida Henrique Dumont



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	2 -

A concepção estilística do imóvel evidencia as características da arquitetura dos países frios, onde a grande inclinação das águas dos telhados contribui para evitar o acúmulo de neve. Até mesmo uma água-furtada comparece na fachada voltada para a rua Barão da Torre.



Acesso para veículos



Acesso para pedestres



Acentuada inclinação do telhado

No encontro dos planos de fachada se destacam pedras aparelhadas aplicadas para exercer função decorativa.

Os vãos de portas e janelas são retangulares, guarnecidos de madeira e vidro. As folhas de janela exibem trabalhos em marcenaria, elementos encontrados na arquitetura dos chalés. A cobertura é executada com telhas francesas tipo “marseille”. Em uma das fachadas um arremedo de chaminé decora o conjunto. Um tímido beiral circunda o telhado, onde estão dispostas mãos francesas a intervalos regulares.



No revestimento externo se destacam pedras colocadas de forma aleatória



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	<b>3 -</b>



Fachada voltada para a rua Barão da Torre



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	4 -



Acesso de serviço na rua Barão da Torre



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	5 -

## IPANEMA

Pesquisa e texto: Sonia Zylberberg e Sérgio Barra (estagiário)\*

A restinga de Ipanema e Leblon, que separa a lagoa Rodrigo de Freitas do mar, era conhecida nos tempos coloniais como Praia de Fora ou Praia Grande. Para se chegar até lá se usava como ponto de partida um ancoradouro existente na praia da Peaçaba, no fundo da Lagoa Rodrigo de Freitas (local onde hoje estaria, aproximadamente, a saída do túnel Rebouças). Os aventureiros (pescadores, principalmente) que vinham da cidade, alcançavam a praia da Peaçaba tomando o caminho de São Clemente, em Botafogo. Cruzavam a Lagoa de canoa até a praia Funda, localizada na enseada do Cantagalo. A partir desse ponto, seguiam a pé pela trilha dos pescadores, ou caminho dos Caniços, onde hoje existe o Corte do Cantagalo. Chegando, finalmente, à praia de Copacabana e atingindo o Arpoador por terra. Aqueles que não desejavam



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	6 -

alcançar o Arpoador, preferiam desembarcar em qualquer outro ponto da Lagoa entre a Ponta do Pau (próximo ao local onde hoje se encontra o Clube Caiçaras) e a encosta do Cantagalo. Tomavam, então, diversas trilhas que chegavam à Praia de Fora, atravessando um matagal rasteiro.

Ainda era possível alcançar Ipanema por dois caminhos por terra que exigiam uma árdua caminhada. O primeiro margeava a Lagoa a partir da Fonte da Saudade. Ao atingir a Ponta do Pires (atual Curva do Calombo), os viajantes eram obrigados a vencer o Morro dos Cabritos passando, no alto, pelas Catacumbas e descendo até atingirem o Saco das Catacumbas (atual Parque da Catacumba). Voltavam, então a margear a Lagoa até atingir aquela trilha dos Caniços. Por fim, o percurso mais longo se fazia pelas terras dos atuais bairros do Jardim Botânico, Gávea e Leblon.

Até o início do século XIX, essas terras faziam parte da Fazenda Nacional da Lagoa, que incluía as terras entre os atuais Leme e Avenida Niemeyer. Leiloadas pela Coroa, estas terras foram se desmembrando à medida que mudavam de donos. No final do mesmo século, em Ipanema havia ainda pouquíssimas casas, espalhadas por imensas chácaras, em terras desvalorizadas. Em 1886, o Comendador José Antônio Moreira Filho, II Barão de Ipanema, adquiriu ao Comendador Francisco José Fialho os terrenos no quadrilátero formado pela Pedra do Baiano (Jardim de Alah), rua da Igrejinha (atual Francisco Otaviano), praia de Fora (avenida Vieira Souto) e a lagoa Rodrigo de Freitas, e decidiu desfazer-se deste grande areal, loteando-o.

José Antônio Moreira Filho, nasceu no Rio de Janeiro em 28/10/1830 e faleceu nessa mesma cidade em 27/01/1899. Recebeu o título de Barão em 13/03/1885, elevado às honras de grandeza em 05/07/1888. Era um dos sete filhos de José Antônio Moreira e da carioca Laurinda Rosa Ferreira dos Santos. O industrial paulista José Antônio Moreira recebeu o título de Barão de Ipanema em 14/03/1847 (elevado às honras de grandeza em 25/03/1849), passando a Visconde em 02/12/1854, e finalmente elevado a Conde em 20/02/1868. A origem do título Ipanema vem da freguesia de São João de Ipanema, a oeste da cidade de São Paulo, criada em 19/10/1917. O nome da freguesia homenageia D. João VI e o rio Ipanema, às margens do qual ficava o lugarejo. Aí existia aquela que seria a primeira fábrica de ferro do Brasil, e sendo Moreira dedicado à indústria do ferro, ao receber seu título nobiliárquico teria escolhido a denominação de Ipanema como forma de homenagear tal fábrica, localizada no seu estado natal. Apesar de Ipanema em tupi-guarani significar “água ruim”, parece não se relacionar com as águas da Lagoa ou do mar, e



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	7 -

sim com as do citado rio às margens do qual estava situada a freguesia de São João de Ipanema. O nome do bairro, por sua vez, teria se originado do título do seu fundador.

O loteamento inicial de Ipanema deu-se como uma continuação do loteamento aberto em Copacabana, a partir de 1892, entre a atual rua Figueiredo Magalhães e a Igrejinha (terrenos da antiga Chácara do Fialho) pela empresa que contava como sócios com o Barão de Ipanema, o Coronel Antônio José Silva, José Luís Guimarães Caipora e Constante Ramos. Sozinho ou na companhia dos outros sócios, o Barão abriu e doou à prefeitura as ruas Sousa Lima, Sá Ferreira, Domingos Ferreira, Guimarães Caipora (atual Bolívar), Constante Ramos, Ipanema (atual Barão de Ipanema), Almirante Gonçalves, João Francisco (atual Miguel Lemos) e Pereira Passos (hoje incorporada à Barata Ribeiro).

O Barão possuía também terras do outro lado do canal que hoje separa os bairros de Ipanema e Leblon, na localidade então conhecida como Pedra do Baiano (área onde hoje se encontram a Cruzada São Sebastião e o Clube Monte Líbano). Essas terras haviam sido adquiridas ao Comendador João Soares Paiva e a Antônio Lopes Marinho. Em 1881, o Barão mandou elaborar um projeto para a construção de um canal ligando a lagoa com o mar, através de um tubo de um metro de diâmetro. Parece que, na mesma ocasião, o Barão haveria tentado abrir, sem sucesso, aquela que seria a primeira rua projetada do Leblon, ligando a Praia do Pinto à Barra da Lagoa.

As chácaras adquiridas pelo Barão em Ipanema foram transformadas em um só terreno, e divididas em cerca de 40 quadras, e estas subdivididas em 40 lotes cada, que, na sua maioria, mediam 10 metros de frente e 50 metros de fundo. Estes foram distribuídos numa teia urbanística, com suas ruas e praças em traçado reticulado, do tipo clássico, chamado renascentista, com ruas paralelas ao mar, cortadas pelas transversais, formando uma espécie de tabuleiro enxadrezado, tendo no centro alguns quarteirões, a igreja e as praças públicas.

O termo de fundação da Vila Ipanema foi assinado em 26 de abril de 1894, instituindo a abertura de 19 ruas e duas praças: as praças Marechal Floriano Peixoto (hoje General Osório) e Coronel Henrique Valadares (hoje Nossa Senhora da Paz), a avenida Vieira Souto, e as ruas Alberto de Campos, General Gomes Carneiro, Igrejinha de Copacabana, Doutor Bulhões de Carvalho, Nascimento Silva, 28 de Agosto (hoje Barão da Torre), 20 de Novembro (hoje Visconde de Pirajá), Prudente de Moraes, 16 de Novembro (hoje Jangadeiros), 4 de Dezembro (hoje Teixeira de Melo), Farme de Amoedo, Montenegro (hoje Vinícius de Moraes), Praia da Saneada, Oscar Silva (hoje Joana Angélica), Otávio Silva (hoje Maria Quitéria), Pedro Silva (hoje Garcia D'Ávila), Dario Silva (hoje Aníbal de Mendonça) e Irineu Silva, que deixou de existir.



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	8 -

O Coronel Antônio José Silva (sócio do Barão nos seus empreendimentos tanto em Copacabana quanto em Ipanema e também proprietário de algumas terras aí) era responsável pela venda dos terrenos e mandou colocar trilhos desmontáveis ao longo da rua 20 de Novembro, a primeira a ser aberta, onde um pequeno bonde puxado a burro conduzia os interessados na compra dos terrenos. Consta que o Coronel Silva foi uma figura popular daqueles tempos, e já havia usado de semelhante expediente em ocasião anterior. Antes do loteamento de Ipanema, o Coronel Silva já lá morava e, no mesmo imóvel, mantinha um restaurante. Como os bondes só chegavam até a Igrejinha, ele pôs um bondinho gratuito daí até o seu restaurante para atrair a freguesia.

Assim como Copacabana, Ipanema também foi vendida como um *“bairro saudável e higiênico”*, conforme dizia o Álbum Ilustrado em 1902. O mesmo periódico anunciava casas e palacetes em *“solo fertilíssimo e salubérrimo, o melhor ponto para residência, quer de famílias elegantes, quer da classe média, ou mesmo do operariado”*. Da mesma forma que Copacabana, Ipanema era recomendada para tuberculosos, *“doentes de febres de mau caráter, sezões (sic), etc...”*, pois o ar benéfico daquele *“Él-doirado”* curava sem o auxílio da medicina. Mas os terrenos foram sendo vendidos com certa dificuldade (ao preço de um conto e quinhentos mil réis cada um). Ninguém queria investir naquele fim de mundo.



Ipanema e Leblon c.1900

Em 1898, a Prefeitura promulgou decreto que isentava a construção de residências na Vila Ipanema por qualquer pessoa, do pagamento de quaisquer impostos que recaíam sobre a construção urbana em geral, durante os cinco anos seguintes. Prazo que, por outro decreto, foi ampliado para dez anos em 1902. Ambos os decretos foram revogados em 1905. Mesmo ano em





<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	9 -

que, devido ao lento crescimento do bairro, assumiu a sua urbanização a Companhia Construtora de Ipanema, de propriedade de Raul Kennedy de Lemos e Otávio Rocha Miranda, com o objetivo de combater os alagados e focos de mosquito que entravavam o crescimento do bairro. Essa firma encerrará suas atividades somente em 1927.

Ajudou na ocupação do novo bairro o prolongamento, em 1902, da linha de bondes do ramal da Igrejinha até a Praça General Osório. O Barão de Ipanema já havia sido um dos principais responsáveis, quando do loteamento de Copacabana, pela chegada dos bondes da Companhia Jardim Botânico até a Igrejinha. Juntamente com Guimarães Caipora e os sócios da Empresa de Construções Cíveis (a outra empresa responsável pelo loteamento de Copacabana), firmou contratos com a Jardim Botânico para a construção de cocheiras e estações, além de contribuir com grandes somas para a construção deste ramal e, até mesmo, ressarcir a Companhia dos gastos que esta fez com a inauguração do ramal.

Por isso também, a ocupação residencial do bairro começou a partir da fronteira com Copacabana em direção ao canal da barra da Lagoa (atual Jardim de Alah). Na ocasião da fundação do bairro, o Barão de Ipanema presenteou o então Presidente da República, o Marechal Floriano Peixoto, com os lotes 1 e 2 quadra 5 da rua Vieira Souto, e com os lotes 21 e 22 quadra 5 da rua Prudente de Moraes, com frente para a praça que recebeu o seu nome. Sabe-se que, quatro anos mais tarde, Floriano Peixoto vendeu seu lote 21, para Maria Theodora Fialho, que já possuía diversos terrenos na Villa Ipanema. As primeiras famílias que povoaram o bairro foram os Alvim, os Catão, os Mello Franco, os Nogueira da Gama e os Modesto Leal. As primeiras residências parecem ter pertencido ao primeiro diretor da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, Teixeira de Melo; ao conde Modesto Leal; a Cesário Alvim; ao oculista Moura Brasil e ao pintor Magalhães Pinto. Em 1906, o bairro contava com 1006 moradores, ocupando 118 residências de um ou dois pavimentos.

Em 1910, registravam-se já 175 residências. Durante essa década ocorre o primeiro impulso desenvolvimentista do bairro. Então, em 1914, a linha de bondes é prolongada até o Bar 20, localizado no fim da antiga rua 20 de Novembro, e do qual já há referências desde 1913, constituindo-se, provavelmente, no mais antigo estabelecimento do gênero no bairro. Nessa mesma década, em 1918 iniciou-se a construção da Igreja Nossa Senhora da Paz. E, no mesmo ano, da primeira ponte sobre a barra da Lagoa, ligando as Avenidas Vieira Souto e Delfim Moreira, permitindo que a linha de bonde "Jardim Botânico" pudesse vir até Ipanema, depois de passar pela Gávea e Leblon, fazendo o retorno no largo do Bar 20 e voltando pela praia do Leblon.



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	10 -

É importante ressaltar a presença de estrangeiros neste período inicial de urbanização do bairro. Desde 1904, o cônsul geral da Suécia, Johan Edward Jansson, já havia construído o seu Castelinho em estilo mourisco, na Avenida Vieira Souto. Construção que se manteria de pé até 1965 e se tornaria famosa na história do bairro. Muitos estrangeiros vieram como funcionários de empresas estrangeiras que no início do século trabalhavam no desenvolvimento da cidade, como a canadense *The Rio de Janeiro Tramway, Light & Power Co. Ltda.* (a atual Light), ou *The Botanical Garden Rail Road* (a já citada companhia de bondes Jardim Botânico). Em 1916, a colônia anglo-americana residente no bairro funda *The Rio de Janeiro Country Club*, em terras arrendadas por 10 anos a Raul Kennedy de Lemos. O sucesso do clube foi tamanho que a sua diretoria resolveu comprar a área menos de um ano depois da fundação.



Ipanema e Leblon c.1920

Em 1920, o engenheiro Carlos Sampaio assumiu a Prefeitura do Distrito Federal (1920-1922) com a incumbência de preparar a cidade para as comemorações do Centenário da Independência. Em 1921, durante a sua gestão, é aprovado o projeto de arruamento da área de Ipanema compreendida entre a Avenida Henrique Dumont e a rua Teixeira de Melo e as avenidas Vieira Souto e Eptácio Pessoa. Foi apresentado o traçado em xadrez, de quadras retangulares como os já traçados pelo próprio Barão. Também nessa mesma época, como parte das obras empreendidas pelo prefeito Carlos Sampaio visando o saneamento da Lagoa Rodrigo de Freitas, a antiga praia da Saneada (depois Avenida Ipanema), que ficava de frente para a Lagoa, passou a integrar a recém-aberta avenida Eptácio Pessoa.

Foi Carlos Sampaio quem alterou, através de decretos, os primitivos nomes de algumas ruas de Ipanema, para homenagear brasileiros que tiveram participação ativa nas lutas pela



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	11 -

independência do Brasil como Joana Angélica, Maria Quitéria, Garcia D'Ávila, Barão da Torre, Barão de Jaguaribe e Visconde de Pirajá. A denominação das ruas e das praças abertas pelo Barão de Ipanema havia seguido três critérios: em primeiro lugar, homenagear membros da sua família ou datas de acontecimentos ligados a ela; em segundo, homenagear os integrantes da família do Coronel Antônio José Silva; e finalmente, homenagear todas as autoridades que estiveram envolvidas no deferimento do processo de construção.

Na década de 1930, acentua-se a expansão residencial em direção ao vetor sul da cidade, fruto de uma nova mentalidade que se difunde, principalmente, entre a elite, para a qual agora “bem viver” implica em desfrutar do clima fresco da orla oceânica, usufruir a beleza das praias, com a popularização do banho de mar. A partir de então, o crescimento do bairro se deu de forma acelerada: foram inaugurados colégios, cinemas e bares. Na rua Visconde de Pirajá, foram inaugurados os cines Ipanema e Pirajá e foram fundados os Colégios Notre-Dame (1933) e Rio de Janeiro (1934). Estabelecimentos que ficariam famosos, alguns dos quais ainda existentes, também foram abertos nessa década, como o Café Nova Lisboa (hoje Bar Bofetada), em 1934; o Rhenania (atual Jangadeiros), em 1935; o Bar Berlim (hoje Bar Lagoa), em 1937; e o Bar Zeppelin, no mesmo ano, mas fechado na década de 1970. O Berlim e o Rhenania, de propriedade de alemães e austríacos (assim como o Zeppelin), tiveram que trocar de nome quando o Brasil declarou guerra à Alemanha nazista.

Data desta década também (1933) a construção do primeiro prédio com mais de dois andares: o Edifício Issa, de propriedade de João Jacob Issa, no número 106 da rua Visconde de Pirajá. A obra foi executada pelo empreiteiro Manuel Ferreira de Almeida.

Colaboraram também para a maior ocupação da área as melhorias na sua ligação com os bairros vizinhos de Copacabana e Leblon. Fez-se o calçamento e o prolongamento de algumas ruas. Em 1938, prolongou-se a rua Visconde de Pirajá e abriu-se a rua Francisco Sá, melhorando a comunicação com Copacabana. Concluiu-se também a abertura do Corte do Cantagalo e construiu-se uma ponte sobre o canal, ligando a Visconde de Pirajá à Avenida Ataulfo de Paiva, colocando um fim à circulação de bondes ao longo da orla marítima.

Mas a infra-estrutura básica do bairro não teve condições de acompanhar tal crescimento. A imprensa da época registrou diversas notas de moradores reclamando contra o descaso das autoridades em relação a capinzais na praia, mau funcionamento do trânsito devido aos lamaçais e problemas com os esgotos que, até 1934, ainda eram fossas. Parece que se pode estender à área de Ipanema as mesmas condições do vizinho bairro do Leblon, nessa mesma



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	12 -

época, denunciadas por uma matéria na Revista Beira-Mar, de 1932, que se referia a esse último como um local, onde as construções "... brotam como flores modernas e valiosas...", local de clubes de alta sociedade como o Caiçaras, o Helênico e o Leblon Club, mas também um local esquecido pelos serviços da Prefeitura encontrando-se ruas sem calçamento e sem luz, serviço precário de esgotos, mal servido de bondes e cuja areia da praia... "é um capinzal, toda coberta de detritos". Somente em 1935 foi autorizada pelo Governo a construção de uma rede de esgotos no bairro.

De 1934 também é a denúncia, publicada no jornal *Correio da Manhã*, de que os bairros de Ipanema e Leblon estavam carentes de policiamento: "À noite, então, essa falta de segurança é alarmante e os assaltos, os furtos e os roubos se repetem freqüentemente [...] Durante as madrugadas, sem guardas, nem soldados municipais, as praias e as ruas transversais ou centrais dão a aparência de desertos". Em 1939, Ipanema ainda era considerado o paraíso dos ladrões. Não havia quase policiamento e os assaltos e furtos eram constantes.



Ipanema e trecho da Lagoa Rodrigo de Freitas c.1960

Na década de 1940, o prefeito Mendes de Moraes (1947-1951) autoriza a elevação do gabarito para seis pavimentos na orla de Ipanema. Negrão de Lima, já como governador do Estado da Guanabara (1965-1971), autoriza a elevação do gabarito na orla para doze pavimentos. Tais modificações na legislação urbanística fizeram com que o velho casario cedesse lugar a um número cada vez maior de prédios de apartamentos, impulsionado também pelo crescimento populacional pelo qual passou a cidade como um todo na década de 1950. O bairro se verticaliza aproveitando-se da introdução do concreto armado na construção civil. Ipanema crescia



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	13 -

vertiginosamente perdendo o seu jeito de vila e transformava-se em um grande centro urbano. Na década de 1960, a população do bairro chegou a 50 mil habitantes, atingindo os 65 mil em 1980.

Com a elevação dos preços do metro quadrado pela especulação imobiliária, o que no início no século era um areal se torna um dos lugares mais caros e chiques do Rio de Janeiro. Matéria intitulada “*Vieira Souto: o metro vale ouro*”, publicada no suplemento de bairros O Globo Ipanema em 27/06/1983, informava que o metro quadrado de Ipanema, com um preço médio de 2 milhões de cruzeiros, era o mais caro do Brasil e um dos mais caros do mundo.

O bairro adquiriu uma identidade própria: a de reduto da boemia e da vanguarda da intelectualidade carioca. Como diz Ruy Castro, dentro da estreita faixa de 1,68 quilômetros quadrados que é o bairro de Ipanema, produziu-se a maior quantidade de cronistas, poetas, romancistas, designers, arquitetos, cartunistas, artistas plásticos, compositores, cantores, jornalistas, fotógrafos, cineastas, dramaturgos, roteiristas, cenógrafos, figurinistas, atores e estilistas de moda de que se tem notícia no Brasil. E todos eles, homens e mulheres com características em comum: libertários, boêmios, lúdicos, corajosos e excêntricos. O que marca a forte ligação do bairro com a história cultural e artística da cidade. Por isso, mais do que pela sua arquitetura ou por alguma marca característica que guarde no seu espaço físico, Ipanema se tornou famosa pela sua capacidade de inventar, popularizar ou exportar modismos.

Em 1945, o comerciante português Raul Veloso abriu o Bar e Merceria O Botineiro, que ficou mais conhecido pelo nome do dono: Bar Veloso (Garota de Ipanema, a partir de 1967). Ali Vinícius de Moraes e Tom Jobim, freqüentadores habituais, compuseram o clássico *Garota de Ipanema*, em 1962. No final dos anos de 1950, já era famoso o bar Mau Cheiro (atual Barril 1800, na esquina da Avenida Rainha Elizabeth com Vieira Souto), seu nome oficial era Recreio de Ipanema. Era freqüentado predominantemente por motoristas de ônibus e se tornou o local preferido pelo pessoal do Cinema Novo na década seguinte.

Em 1971, começou a construção do “píer” que ajudaria na instalação do emissário submarino do bairro, entre as ruas Teixeira de Melo e Farne de Amoedo. Até 1974, quando foi desmontado, o “píer” tornou-se um dos mais famosos *points* da praia. Ali conviviam surfistas, intelectuais e artistas. A areia dragada do mar e despejada na praia formava dunas que atraíram a cantora Gal Costa, e com ela vieram os compositores Jards Macalé, Jorge Mautner e Nelson Jacobina; as atrizes Odete Lara, Sonia Braga e Tania Alves; os cineastas Julio Bressane, Neville d’Almeida e Rogério Sganzerla, entre outros expoentes da contra-cultura que caracterizaram o ambiente cultural de Ipanema. Ali se venderam os primeiros sanduíches naturais, os livros de poesia da Geração Mimeógrafo e gibis, revistas e jornais alternativos. Foi também nas dunas do



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R.: VI	Bairro: Ipanema	14 -

Pier, ou “Dunas da Gal”, que Leila Diniz se apresentou grávida de biquíni, em agosto de 1971, chocando a sociedade conservadora carioca e sendo instantaneamente seguida por uma legião de outras grávidas. Era como uma “república independente” nos piores tempos do regime militar: os anos Médici (1969-1974). Anos depois, haveria uma tendência difundida em românticos artigos na imprensa, a considerar o pier um foco de resistência ao regime militar. Mas como nada do que se fazia ali era secreto, sendo do conhecimento geral, inclusive do governo, a impressão que se tem é que toda aquela liberdade era apenas uma “liberdade consentida” pelo governo.

Depois de lançar, no final da década de 1950, a Bossa Nova para o mundo pelas mãos de ipanemenses como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Ronaldo Boscoli e Carlos Lyra (entre outros); surgiu no Arpoador, em 1982, o Circo Voador (que se popularizaria depois na Lapa). Espaço privilegiado para o surgimento e divulgação de outro estilo musical: o Rock Nacional. Ali estrearam o ipanemense Cazuza e o Barão Vermelho, a Blitz, Lulu Santos, Kid Abelha entre outros. Da mesma forma, depois de servir de berço para a Banda de Ipanema, que desfilou pela primeira vez no carnaval de 1965, surgiu no bairro, no carnaval de 1985, o bloco carnavalesco Simpatia é Quase Amor, um dos responsáveis pela revitalização do carnaval de rua na cidade.

O bairro se caracterizou também por conjugar vida diurna, ligada à prática de esportes na praia (primeiro o surfe e depois o volêi de praia), e vida noturna. Dessa forma, foi criado o Parque Garota de Ipanema no Arpoador, e a Pedra do Arpoador foi tombada e iluminada em 1989, permitindo a prática do surf à noite. Ao mesmo tempo, a boemia se faz presente por todos os cantos do bairro. Aos tradicionais bares, existentes desde o início do século, juntaram-se outros que fizeram a fama da vida noturna do bairro.

No campo da moda, Ipanema também se tornou uma referência. Tanto pelo surgimento ali das grifes que ditavam a moda de praia, como a Company e a Bum-Bum, nas décadas de 1970 e 1980; quanto pela Feira Hippie da Praça General Osório. Essa última começou como um pequeno ponto de venda de trabalhos artísticos, instalado naquela praça por alguns artistas plásticos incentivados por Hugo Bidet, um dos fundadores da Banda de Ipanema. A estes se juntaram adeptos do movimento hippie em ascensão. Até receber permissão do Departamento de Parques e Jardins para o seu funcionamento, em 1969, eram comuns as perseguições policiais aos artistas e artesãos.

Medidas visando a preservação do patrimônio cultural do bairro de Ipanema foram tímidas até a década de 1990. Somente a partir dessa década começou a se dar mais atenção à



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	15 -

preservação deste patrimônio, notadamente durante a execução do projeto Rio Cidade de Ipanema, entre 1994 e 1996, na primeira gestão do prefeito César Maia (1993-1996).

A primeira medida de preservação tomada no bairro fora o tombamento, a nível federal, do chafariz das Saracuras, localizado na praça General Osório, em 30 de junho de 1938, ano da criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN, (processo 99-T, inscrição nº 66, Livro Belas Artes Volume 1, e inscrição 156, Livro Histórico, Volume 1). O chafariz das Saracuras foi construído em 1795, por mestre Valentim (mesmo autor do chafariz existente na Praça XV de Novembro), para ser implantado no claustro do Convento de Nossa Senhora da Ajuda. Esse convento ficava no Largo da Ajuda, no local onde na segunda década do século XX foi construída a atual Praça Marechal Floriano (Cinelândia). E lá esteve até ser vendido à Companhia Rio de Janeiro Light & Power, que o demoliu em fins de 1911, projetando construir um hotel de grande porte no terreno. No mesmo ano, a Prefeitura transferiu o Chafariz das Saracuras para o centro da Praça General Osório, na então Vila Ipanema.

Em ficha cadastral pertencente ao DGPC, datada de 1988, Alberto Taveira, Mario Aizen e Cláudio Lima Carlos descrevem o estado em que se encontrava o chafariz na ocasião: *“Com planta circular, possui quatro lances de escadarias intercaladas a quatro bicas encimadas por tartarugas de ferro fundido. Ao vencer as escadarias, atinge-se o patamar que acompanha a forma do monumento e no qual acham-se inscritas quatro pias que possuem servidão de águas através das cabeças das tartarugas acima citadas, além de obelisco que tem, em sua porção terça inferior, aparador das águas precipitadas das quatro saracuras metálicas que localizam-se na porção terça média. Há, ainda, cartela e medalhão apostos ao obelisco. Arrematando o mesmo, nota-se crucifixo trabalhado em metal. O monumento, esculpido em granito, encontra-se incluso em fosso de recente execução e cercado por gradil metálico que possui como função isolá-lo do contato com os passantes”*. Com a criação do lago em torno do chafariz, durante o ajardinamento da praça realizado em 1987, o chafariz pôde voltar a verter água.

Posteriormente, em 2000, a própria praça General Osório foi tombada pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural (DGPC) do município (Lei 3089/2000). Essa praça foi aberta em 1894 pelo Barão de Ipanema, com a denominação de Praça Marechal Floriano Peixoto. Quando foi reconhecida pela Prefeitura, por decreto de 22/04/1910, já contava com o nome de Praça Ferreira Viana. Decreto de 31/10/1917 alterou a sua denominação para Praça General Osório. A praça General Osório sempre centralizou grande parte do movimento do bairro. Primeiramente por ter sido instalada ali a estação dos bondes, em 1900, quando a Ferro-Carril Jardim Botânico



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	16 -

estendeu até o novo bairro sua linha, que chegava até então somente até a Igrejinha de Copacabana. Depois, por concentrar ao seu redor atividades boêmias e de lazer como cinemas, teatros e bares.

Em 19.09.1989, a Lei 1433/89 da Prefeitura da cidade tombou a Pedra do Arpoador. Em 25.01.1991, elementos da orla de Ipanema foram incluídos em tombamento provisório, por iniciativa do executivo estadual, do “conjunto urbano paisagístico formado pelas calçadas centrais e laterais e pelas espécies arbóreas ao longo das avenidas Vieira Souto e Delfim Moreira, entre o parque Garota de Ipanema e a avenida Visconde de Albuquerque” (Processo E-18/30.000.030/91, INEPAC).

Durante a execução do projeto Rio Cidade Ipanema, o governo municipal tomou numerosas iniciativas visando a preservação de exemplares arquitetônicos e naturais do bairro. De 1994 a 1996 foram decretados os tombamentos das ilhas Cagarras (Dec. 13904/95), da Escola Municipal Henrique Dodsworth (Dec. 14924/96 de 26.06.1996), da igreja Nossa Senhora da Paz (Dec. 14924/96 de 26.06.1996), do Jardim do Chapeuzinho Vermelho (Dec. 15003/96 de 29.07.1996). Em 2004, o Decreto Municipal 23959 tombaria o imóvel de nº 35 da rua Farne de Amoedo.

A Escola Municipal Henrique Dodsworth está localizada na esquina da Avenida Epitácio Pessoa com a rua Redentor. Foi projetada, em 1940, pelo arquiteto Raul Pennafirme, e construída entre 1941 e 1943, quando foi inaugurada tendo o próprio interventor (1937-1945) como patrono. O prédio foi construído ao gosto neo-colonial, optando-se por linhas retas e curvas pouco nítidas no contorno dos vãos de portas e janelas.

A Igreja de Nossa Senhora da Paz situa-se em frente à praça de mesmo nome, no número 339 da rua Visconde de Pirajá. A idéia de se construir uma igreja sob essa invocação surgiu após o término da Primeira Guerra Mundial. Para a sua construção foi utilizado o dinheiro da indenização da demolição da igrejinha de Copacabana, que acabara de ocorrer, além do dinheiro arrecadado com doações. O projeto da igreja, em que dominam características e influências bizantinas, é de autoria do arquiteto Gastão Bahiana. Seu culto e administração estão sob a direção dos frades da Ordem Franciscana.

Nas duas décadas seguintes, fatores diversos levaram à intensificação do processo de ocupação da Zona Sul da cidade, acompanhada da verticalização da área edificada e da ocupação de encostas por casebres erguidos por segmentos de baixa renda, como solução de moradia face ao estrutural déficit habitacional da cidade. A proximidade de oportunidades de trabalho nas obras de infra-estrutura e construção civil e no setor de serviços presentes neste





<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	17 -

processo dariam origem às favelas também em Ipanema, a exemplo do que ocorreu a outros tantos bairros da cidade. No morro do Cantagalo, localizado próximo ao limite do bairro com Copacabana, já na década de 1930 iniciou-se a formação das favelas do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho. Diferentes levadas migratórias oriundas de estados do nordeste, de Minas Gerais, entre outros, formaram a crescente população daí, com variadas características culturais.

No ano em que o bairro comemorou o seu centenário, o Jornal do Brasil (17/04/1994) e a revista Veja Rio (20/04/1994) anunciaram o lançamento do projeto Rio Cidade Ipanema, concebido pelo escritório Paulo Casé e Luiz Acioli Arquitetos Associados, e escolhido através de concurso promovido pela Secretaria Municipal de Urbanismo, assim como os projetos de intervenção nos outros bairros incluídos no Rio Cidade I. A equipe projetista optou por reforçar, com o seu projeto, a vocação urbana do bairro para o lazer e a cultura. O projeto previa três pontos principais de intervenção: a rua Visconde de Pirajá, principal eixo comercial do bairro; a Praça General Osório e o Largo do Bar 20, formado pela esquina da rua Visconde de Pirajá com a avenida Henrique Dumont.

Para a rua Visconde de Pirajá, cuidou-se basicamente da remodelação das calçadas, que foram setorizadas em três faixas distintas (de serviço, circulação e passeio) com texturas e coloração diferenciadas no piso. Se, por um lado, essa regularização impôs um tratamento uniforme à calçada; por outro, nas esquinas e cruzamentos procurou-se enfatizar a singularidade através da diferenciação no tratamento dos pavimentos. Nos cruzamentos com as ruas Joana Angélica, Garcia D'Ávila e Farne de Amoedo foi aplicado no asfalto um decalque colorido. Aí, segundo o projeto, a pista dos carros seria elevada até o nível das calçadas e os pedestres atravessariam a rua numa espécie de calçadão. Os cruzamentos elevados e com asfalto pintado funcionariam "como um quebra-molas psicológico", segundo o arquiteto Paulo Casé. Idéia que dividiu os moradores, quando começou a sair do papel, entre aqueles que aprovaram a novidade e os que a acharam feia e sem sentido. Além disso, ao longo de toda a via foi adensada a arborização, foram construídas floreiras, instaladas coberturas nos pontos de ônibus, renovado o mobiliário urbano e organizados estacionamentos rotativos.

Para a Praça General Osório estavam previstos, no projeto, um estacionamento subterrâneo para 450 carros; um painel eletrônico anunciando a programação de eventos do bairro; além de duas passarelas que se entrecruzariam, por onde circulariam pedestres e freqüentadores. Uma delas terminaria no alto de uma pirâmide de 9,5 metros de altura, toda forrada de grama, projetada para ser erguida num dos cantos da praça, e destinada a registrar e armazenar a história do bairro, o Arquivo de Ipanema, em cima do qual seria montado um coreto.



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	18 -

Estavam projetados também uma escultura de Leila Diniz e três palcos para espetáculos. Posteriormente, com o projeto já em execução, foram descartadas as modificações na praça.

O ponto mais polêmico do projeto foi a urbanização do Largo do Bar 20. Esse trecho é de especial valor histórico para o bairro, pois nesse largo o bonde que ligava Ipanema ao centro da cidade chegava àquilo que seria o seu “ponto final”, fazendo o retorno. Numa alusão a esse fato, pretendia-se desenterrar os trilhos do bonde, deixando-os à vista no seu local de origem, e seria exposta uma carcaça de bonde de época, que seria doada pela Light, e ficaria semi-enterrada. Diante de considerações de ordem técnica, e da dificuldade de se conseguir a carcaça do bonde, desistiu-se dessa idéia. O pavimento acabou por ganhar um decalque colorido que desenhava no asfalto a rótula de retorno dos trilhos com uma rosácea no interior. No centro deste espaço foi erguido um obelisco iluminado. Foi construída também uma passarela em forma de arco, ligando as duas calçadas, à guisa de pórtico. O obelisco e a passarela teriam a função de representar, simbolicamente, o portão de entrada do bairro, assinalando os seus limites com o vizinho bairro do Leblon.

Desde o início, a criação desse marco já se apresentava como o ponto mais polêmico do projeto. Segundo depoimento de Casé para o caderno especial de 100 anos de Ipanema, publicado pelo Jornal do Brasil, a passarela não teria nenhum objetivo prático: “*É algo assim como o Arco do Triunfo e a Torre Eiffel*”. O seu ponto mais alto tem 8 metros e o arquiteto pretendia que as pessoas subissem nela para observar, de um lado, o Jardim de Alah e, do outro, a Visconde de Pirajá. Porém, quando começou a ser construída, os moradores dos prédios vizinhos reclamaram que a passarela devassaria os seus apartamentos e, por fim, decidiu-se não se instalar as suas escadas laterais de acesso, inviabilizando a sua função pensada pelos projetistas. Temia-se ainda que o obelisco, localizado em meio ao largo, prejudicasse o trânsito.

O projeto previa também um tratamento especial à rua Farme de Amoedo. Seria, essa via, entre as ruas Barão da Torre e Visconde de Pirajá, toda elevada ao nível da calçada, e a partir de sexta-feira à noite ela virtualmente se transformaria numa rua de pedestres, devido à grande concentração de bares naquele trecho. Essa parte do projeto não foi executada, atendendo ao protesto de moradores, contrários ao fechamento da rua.

Para desenvolver as suas idéias, os autores do projeto tiveram a assessoria de Albino Pinheiro, Carlos Leonan, Francisco Brito, Mário Peixoto e João Luiz Albuquerque. Profundos conhecedores da história do bairro, que teriam como tarefa levantar as ocorrências e os personagens presentes no imaginário dos antigos moradores. Essas memórias ficariam registradas em placas de bronze afixadas nas calçadas no ponto exato onde ocorreram ou



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	19 -

existiram. Algumas placas foram afixadas ao longo da rua Visconde de Pirajá, assinalando os locais em que haviam residido artistas e intelectuais como o jornalista João Saldanha, o escritor Aníbal Machado (pai da teatróloga, atriz e também escritora Maria Clara Machado), e o ator Milton Moraes; assim como aqueles em que funcionaram estabelecimentos marcantes para a memória de moradores e freqüentadores do bairro – o Bar Vinte, a Sorveteria Moraes, o Bar Zeppelin, o Cinema Pirajá.

O Rio Cidade Ipanema foi executado pela Construtora Ferreira Guedes Ltda, durante o ano de 1996, sendo inaugurado no dia 15 de agosto desse mesmo ano. A sua execução abrangeu uma área de 9,3 ha, com a instalação de 4,2 km de galerias pluviais, de 97 postes de iluminação, de 82 coletores de lixo e 8 abrigos de ônibus; o plantio de 416 árvores; e a pavimentação de 81 km<sup>2</sup> de ruas e 41 km<sup>2</sup> de calçadas.

A preocupação com a preservação de características arquitetônicas das diferentes fases da história do bairro e da memória de locais e personagens marcantes para a cultura local e nacional culminou com o Decreto 23161 de 21 de julho de 2003 que “Reconhece o Sítio Cultural de Ipanema, cria a Área de Proteção do Ambiente Cultural de Ipanema [APAC], VI Região Administrativa, tomba os bens que menciona e dá outras providências”.

Foram tombados provisoriamente 16 imóveis em diferentes logradouros do bairro. Imóveis estes de uso predominantemente residencial, ou originalmente residencial mas adaptados para o funcionamento de empresas de diversas naturezas. Além destes, o Decreto determina, em seu artigo 10, que "Ficam tombados, definitivamente, nos termos do artigo 1º, da Lei nº 166 de 27 de maio de 1980, a Praça Nossa Senhora da Paz e Monumento a Pinheiro Machado.”

Para além do conceito “fachadista” de bem cultural, centrado no valor arquitetônico, o artigo 13 traduz uma preocupação com “a preservação e valorização da memória cultural do bairro de Ipanema”, através de “inventário, registro e declaração ...dos bens materiais e imateriais que compõem a dinâmica urbana do bairro...”. Determinando, por fim, que o órgão executivo do Patrimônio Cultural organize um banco de dados sobre tais bens, a ser denominado “Núcleo de Referência Cultural Albino Pinheiro”.

\* Texto elaborado em 2003 e atualizado em julho de 2005.



<b>AV. HENRIQUE DUMONT, 170</b>		Nº de ARQUIVO:
Endereço: Av. Henrique Dumont, 170		-
A.R: VI	Bairro: Ipanema	20 -

## **BIBLIOGRAFIA:**

### **1) livros:**

ABREU, Marilúcia; BARATA, Carlos Eduardo; GASPARG, Claudia Braga & PEIXOTO, Mario. Villa Ipanema. Rio de Janeiro: Novo Quadro, 1994.

ABREU, Maurício. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1988.

AIZEN, Mario; ALBERNAZ, Maria Paula; CARDOSO, Elizabeth Dezouart; PECHMAN, Roberto Moses & VAZ, Lilian Fessler. Copacabana. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia/Ed. Index, 1986.

CASTRO, Ruy. Ela é carioca. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FRAIHA, Silvia ; LOBO, Tiza & RIBAS, Martha (coord.). Ipanema e Leblon. (Coleção Bairros do Rio). Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fraiha 1998.

GÉRSON, Brasil. A história das ruas do Rio. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.

Rio Cidade: o urbanismo de volta às ruas. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

ROUCHOU, Jöelle & BLANC, Lúcia (org.). Memórias de Ipanema: 100 anos do bairro. Rio de Janeiro: SMC, 1994.

SANTOS, Noronha. As freguesias do Rio antigo. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES, DGPC. Rio de Janeiro, uma cidade no tempo. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, DGPC, RJ: Diagraphic Projetos Gráficos e Editoriais Ltda., 1992.

### **2) periódicos:**

Caderno Especial – Ipanema 100 anos. Jornal do Brasil. 17 de abril de 1994.

Saudade do Porvir. Veja Rio. 20 de abril de 1994.

Mãos à obra. Jornal do Brasil. 04 de março de 1995.

Cruzamentos ganham colorido. Jornal do Brasil. 29 de julho de 1996.

Ipanema depois dos Tapumes. O Globo. 08 de agosto de 1996.

Vieira Souto: o metro vale ouro. O Globo Ipanema. 27 de junho de 1983.